

# Eu rejo, tu tocas, eles cantam, nós ensaiamos!: a importância da equipe pedagógica coral no PCIU!

## Comunicação

Ana Lúcia Iara Gaborim-Moreira  
UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
ana.gaborim@ufms.br

Evelyn Bendô Lechuga  
GEPFORP (Grupo de Estudo e Pesquisa em Formação de Professores) -UFMS  
evelyn\_lechuga@hotmail.com

Everton Gentil Rodrigues de Almeida  
GPEP (Grupo de Pesquisa em Educação e Prática Musical) – UFMS  
evertongentil@hotmail.com

Helena Karavassilakis Uzun  
GPEP (Grupo de Pesquisa em Educação e Prática Musical) – UFMS  
helenakms@hotmail.com

**Resumo:** neste artigo, trazemos um relato de experiência a partir do trabalho realizado no PCIU! (Projeto Coral Infantojuvenil da UFMS), enfocando a estruturação de uma equipe pedagógica na prática coral infantojuvenil. Inicialmente, procuramos ilustrar os desafios dessa prática no contexto contemporâneo, diante da situação de pandemia; discutimos como o ensino a distância aliado ao uso de diversas ferramentas tecnológicas tem se estabelecido como um procedimento padrão, convergindo para o regente as ações essenciais à condução dos “ensaios virtuais”. Após essa exposição inicial, analisamos as ações da equipe pedagógica coral nos ensaios do PCIU! em um período anterior à pandemia – quando tínhamos o “ensaio presencial” como uma prática já consolidada. Destacamos a experiência relatada pela própria equipe do PCIU! – regente assistente, pianista e uma monitora, que são também autores deste artigo – e trazemos, então, alguns resultados já alcançados no projeto, que se sintetizam na potencialização do trabalho musical do regente com a otimização do tempo e melhor organização da rotina de ensaio. Procuramos traçar alguns paralelos entre os dois ensaios – virtual e presencial – observados sob a ótica do regente, como aporte teórico de estudos sobre liderança, sobre o conceito de trabalho em equipe e outros trabalhos de pesquisa-ação centrados em coros infantojuvenis. Desta forma, apresentamos reflexões a respeito deste período que vivenciamos, considerando aspectos que se mostraram inovadores - trazidos pelos avanços tecnológicos – e apontando fatores que são sempre fundamentais (e humanos) na pedagogia coral.

**Palavras-chave:** regência coral; canto coral e pandemia; trabalho musical em equipe

## Introdução

A pandemia que se instaurou em todo o mundo, no início de 2020, levou os regentes corais a uma série de questionamentos diante de uma situação de emergência: como manter os coros em atividade, diante da necessidade de isolamento social? Como manter um grupo unido e engajado, mas com seus membros geograficamente distantes? Como usar a tecnologia – que ainda não evoluiu suficientemente – para atender às necessidades reais de um ensaio coral? Como estruturar um ensaio “virtual”, não sendo possível ouvir os coralistas de forma síncrona? Como fazer um planejamento a longo prazo, se o futuro é incerto?

Após algumas semanas de pandemia, uma série de estudos científicos sobre as formas de transmissão do vírus COVID-19 começaram a surgir pelo mundo e incidiram diretamente sobre os riscos da atividade coral. Alguns estudos sugeriam que a emissão de partículas contaminadas (aerossóis) na projeção do canto poderia disseminar o vírus entre os cantores, se apenas um deles o tivesse contraído. De fato, em alguns coros, houve contaminação em massa – o que foi amplamente noticiado pela mídia. Mas em um estudo realizado na Universidade de München, na Alemanha, dois pesquisadores do Instituto de Mecânica dos Fluidos e Aerodinâmica apontaram que “devido à correlação entre canto e infecção, uma conexão causal foi suspeitada, embora a mesma não tenha sido comprovada (...). Deveria se questionar se o comportamento social não é a origem real da infecção.” (KÄHLER; RAIN, 2020, p.1-5). Segundo os pesquisadores, se em um ensaio há cumprimentos entre os membros do coro, conversas durante o intervalo, refeições ou bebidas em uma atmosfera convivial, “pode-se supor que esse comportamento social é mais crítico no caso de uma infecção do que o próprio cantar” (*id.*, p.5).

Diante desse cenário duvidoso e obscuro, e sendo essencialmente resilientes e criativos, muitos regentes começaram a buscar e a adotar diferentes estratégias de trabalho, a traçar novos planos, a experimentar novos recursos, a se unir em grupos de *Whatsapp* e plataformas de videoconferência (como *Google Meet* ou *Zoom*) para trocar materiais,

compartilhar experiências e ideias<sup>1</sup>. E grande parte dos coros continuaram existindo, adaptando-se ou reinventando-se de alguma forma, na esperança de um breve retorno dos ensaios presenciais - e também, porque a rotina de ensaios é certamente o processo mais significativo da prática coral. Conforme argumenta Samuel Kerr,

o próprio ensaio pode ser a razão de existir de um coro e penso que encontraremos para ele um caminho quando não houver mais a preocupação de preparar espetáculos para os outros assistirem (palco/plateia), mas a de conquistar mais cantores, ampliar a convivência e o volume da canção. (KERR, 2006, p.123)

Nesta citação, Kerr parece presumir a situação contemporânea, onde somos impedidos de realizar as apresentações presenciais - tão habituais na prática coral - devido ao risco de contaminação em aglomerações. Consideramos que a apresentação pública também é parte do processo de aprendizagem coral, trazendo uma série de benefícios ao grupo como um todo e aos indivíduos que o compõem. As apresentações vêm coroar todo o esforço empreendido durante os ensaios e divulgar os resultados artísticos do trabalho para a sociedade. Contudo, ressaltamos que a convivência entre os participantes, o prazer de cantar em conjunto e o processo de aprendizagem musical – que denota organização, persistência, dedicação, compromisso e responsabilidade - proporcionados pela prática coral são muito mais significativos que a apresentação em si. Nas palavras de Venâncio (2017, p.22), a apresentação é um “encontro musical entre o público e o coro”, que é essencial na vivência coral; ressaltamos que é uma experiência muito positiva, porém, não deveria ser o objetivo primordial de um coro.

Uma alternativa para substituir as apresentações públicas tem sido os “coros virtuais”, que consistem na gravação “caseira” de uma determinada música pelos coralistas, sobre uma gravação de base que determina o andamento e guia os cantores em sua entonação (muitas vezes, priorizando a precisão rítmico-melódica e negligenciando a expressividade da canção). Segundo Lakschevitz, o “coral virtual” é “uma atividade que pode ao menos manter o contato entre as pessoas e reforçar o espírito de grupo, mas que

---

<sup>1</sup> Daí surgiu o projeto de extensão “Fórum virtual de regentes corais infantojuvenis”, na UFMS, que por sua vez originou o “I Congresso Internacional de Música Coral Infantojuvenil – CIMUCI”, totalmente gratuito e realizado no modo on-line, com transmissão pelo YouTube, com mais de 1.200 inscritos.

apresenta muitos obstáculos, por mais sofisticada que seja” (2020, p.4). Entendemos que um desses obstáculos a que Lakschevitz se refere, reside no fato de que o resultado final do trabalho de um coro virtual depende muito do editor de áudio e/ou de vídeo – que nem sempre é o regente. O editor pode ser muito hábil com a tecnologia e ter pouco conhecimento musical, o que gera um excelente trabalho visual, mas pode resultar em uma sonoridade muito aquém da que poderia ser alcançada pelo grupo. E ainda é preciso considerar que as vozes unidas pela tecnologia não soam como vozes em mesmo tempo e espaço físico.

Ainda é cedo para medirmos os resultados do trabalho coral realizado a distância – o ensaio “virtual” – e pretendemos escrever exclusivamente sobre esse assunto, posteriormente. Por enquanto, podemos constatar que os desafios dos regentes consistem em manter os coralistas motivados, reforçar o sentimento de pertença ao grupo e desenvolver atividades que não envolvam o canto simultâneo (o que parece ser paradoxal, em termos de prática coral). “Questões de latência, velocidade de internet dos participantes e qualidade do som, além da maior dificuldade de concentração dos cantores, por exemplo, são elementos significativos em ensaios virtuais” (LAKSCHEVITZ, 2020, p.4). Dessa forma, atividades como: sessões de leitura de novo repertório, por videoconferência; exercícios de percepção musical e solfejo; ensaios de naipes (sem retorno de áudio coletivo, mas com possibilidade de execuções individuais); estudos particulares por áudios gravados previamente (os famosos “kits de ensaio”); gravações em vídeo dos coralistas, enviados pelo aplicativo *Whatsapp* para avaliação do regente; exibição de vídeos e gravações de outros coros, para apreciação em grupo (podendo-se usar a plataforma *Watch2Gether*, que consiste em um reprodutor sincronizado de vídeo e áudio); propostas de composições e arranjos elaborados pelos próprios coralistas e intercâmbios entre coros no ambiente virtual, são algumas das alternativas que os regentes têm utilizado nos ensaios, com o aporte das ferramentas tecnológicas, nestes tempos obscuros onde os sons vocais fluem de maneira assíncrona pelos cabos e redes da Internet.

Até este ponto, nos concentramos na tarefa de analisar a prática coral no contexto vigente. A partir do próximo subitem deste texto, escreveremos sobre experiências anteriores à pandemia – quando o ensaio “presencial” era a maneira mais natural de se fazer

música coral – ressaltando o trabalho de uma equipe pedagógica coral. É preciso considerar que este momento de isolamento social levou regentes e coralistas a sentirem, de forma mais intensa, o quanto a convivência e o trabalho em equipe são essenciais no trabalho coral - o que nos motivou a escrever este artigo.

## 1. Equipe pedagógica coral

O conceito de “equipe” é apresentado por Goffman, no campo da Sociologia, como

um grupo de ação para promover fins semelhantes ou coletivos através de quaisquer meios que lhes estejam disponíveis. Na medida em que eles cooperam para manter uma determinada impressão, usando esse dispositivo [isto é, esse grupo de ação] como um meio para alcançar seus fins, eles constituem o que aqui se tem chamado de equipe (GOFFMAN, 1959, apud CAVALCANTE, 2015, p.15).

Este conceito, em nosso ponto de vista, traduz a essência do canto coral, considerando o fazer música como um meio e ao mesmo tempo, um fim. Afinal, um coro ou “coral” não existe de forma individual e/ou silenciosa, mas pressupõe um trabalho realizado em equipe, onde os participantes alcançam e compartilham os resultados.

Buscando referenciais a respeito do trabalho em equipe em outros campos do conhecimento, encontramos de forma fragmentada algumas concepções que consideramos aplicáveis à prática coral: o caráter comunicativo, que demanda diálogo e troca de ideias em uma interação grupal; o aspecto cooperativo, onde são compartilhados conhecimentos e saberes, são respeitadas as diferenças entre os membros e as responsabilidades são devidamente divididas; o entendimento de que o trabalho em equipe é uma estratégia para melhorar a efetividade do trabalho, convergindo as ações em sinergismo e interdependência dos membros; a consciência de que o trabalho em equipe partilha um mesmo objetivo, leva à tomada de decisões ou à criação de uma proposta (PIANCASTELLI et. al, 2000; IRIBARRY, 2003).

Há de se ressaltar que em qualquer destas concepções, uma liderança é necessária. Um grupo de cantores pode até soar sem a direção de um regente, entretanto, a liderança é fundamental para que haja equilíbrio sonoro, para que se direcione os objetivos artísticos e educativos do grupo, para que haja confluência de interesses de seus participantes, para que

sejam tomadas as decisões necessárias com relação a apresentações do grupo, e ainda (sem que este seja um último item dessa lista), para que se direcione a execução de uma obra musical – visto que, pela sua natureza humana, a música pressupõe distintas formas de performance (em termos técnicos e interpretativos), e cada integrante de um grupo musical traz consigo seus saberes e experiências pessoais. Price e Byo afirmam que “regentes são líderes, por definição. A liderança requer competência, credibilidade e carisma, e essas qualidades podem influenciar a performance e a atitude dos músicos” (2002, p.335). Rossana elenca três outras palavras para definir as qualidades de um líder: sobriedade, paciência e coragem (WOLF; ROSSANA, 2012, p.85-86). E ressalta que o líder “sempre tem de continuar a trabalhar em si mesmo, tem de adaptar e expandir seus dons e suas capacidades, desenvolvê-los e internalizá-los” (*id.*, p.84) – um trabalho constante de autoavaliação e aperfeiçoamento de seus conhecimentos e habilidades, o que ultrapassa os limites de um ensaio, seja ele presencial ou virtual.

O trabalho em equipe até aqui enfatizado engloba a cooperação entre os cantores, sob a liderança de um regente - que é o formato mais comum da prática coral. Entretanto, as funções do regente são potencializadas quando ele dirige uma equipe que colabora para o desenvolvimento do trabalho coral em seus aspectos educativos e artísticos – que aqui denominaremos “equipe pedagógica coral”. É muito comum encontrarmos regentes que, por circunstâncias diversas, assumem o papel do “regente solo”, cumprindo sozinhos a função de instrumentista acompanhador, preparador vocal, preparador cênico, gerente de marketing e de relações pessoais do coro, entre outros papéis, nos mais diversos contextos. Gaborim-Moreira (2015), em sua tese de doutorado, entrevistou 52 regentes de todas as regiões do Brasil e constatou que grande parte dos regentes de coros infantojuvenis enfrenta essa realidade para poder garantir o trabalho com seus grupos.

No caso de um coro infantojuvenil, o papel do regente ainda pressupõe a função de educador, que precisa atender às necessidades das crianças e contribuir para o seu desenvolvimento – além de ensinar música. Em âmbito psicossocial, isso significa, por exemplo: saber ouvi-las e entendê-las, reconhecendo suas expectativas; saber lidar com sua euforia e ansiedade; motivá-las e incentivá-las na medida certa; manter sua atenção na atividade que está sendo realizada; estimular o seu desenvolvimento cognitivo e motor;

demonstrar limites e regras de convivência; contribuir para a sua socialização no grupo. Essas funções essenciais na rotina de um coro se observam tanto no ensaio presencial, quanto em um ambiente virtual, pois são essenciais em qualquer processo de aprendizagem.

Em termos práticos, em um ensaio presencial – assim como em uma aula, no ambiente escolar – a função de educador requer a habilidade de administrar conflitos, organizar o ambiente de trabalho, socorrer os alunos/coralistas em eventuais acidentes ou situações inesperadas, e até mesmo atender às necessidades mais básicas e naturais das crianças. No ensaio virtual, entretanto, essas demandas de ordem prática já não influenciam diretamente no trabalho do regente, uma vez que as crianças estão em casa, com a supervisão de suas famílias, e podem “sair” livremente do ensaio – embora, por hábito, muitas ainda peçam autorização para ir ao banheiro ou beber água.

As tarefas rotineiras do contexto de ensino-aprendizagem que aqui citamos desgastam muito o regente e consomem o tempo precioso de um ensaio. Porém, elas não precisam ser necessariamente atribuídas ao regente, que tem a função primordial de conduzir o fazer musical; elas podem ser delegadas a outras pessoas que possam zelar pela interação saudável das crianças e contribuir para que o ensaio presencial flua com mais eficiência: os monitores.

## **2. Monitores**

Conforme já problematizamos, é muito comum no Brasil que o regente não conte com monitores em um coro, a despeito da riquíssima contribuição que trazem para o desenvolvimento de um ensaio. Oliveira, ao realizar uma pesquisa de mestrado em uma escola de educação básica do interior de São Paulo, enfatiza que com a atuação dos monitores, “o regente pode se preocupar apenas com a realização das atividades, deixando a cargo do monitor auxiliar nas saídas para banheiro ou qualquer tipo de imprevisto que possa ocorrer durante a realização do mesmo” (OLIVEIRA, 2012, p. 34). Na concepção da autora, monitores fazem parte da equipe pedagógica, juntamente com o regente e o pianista acompanhador.

Em um ensaio virtual, embora as crianças não estejam em um mesmo espaço físico, os monitores podem dar suporte para outras ações necessárias no ambiente de

videoconferência: projeções de slides, suporte técnico (em relação aos equipamentos tecnológicos e à conexão via Internet), controle de presenças, registro dos acontecimentos do ensaio, acompanhamento de mensagens no *chat*, entre outras. Mas também é possível contar com a ajuda dos pequenos coralistas nestas tarefas – e eles, além de serem muito rápidos com a manipulação da tecnologia, se sentem muito valorizados quando solicitados, isto é, têm prazer em ajudar.

A experiência que desenvolvemos noPCIU! com crianças e adolescentes, desde seu início, nos demonstra que a atuação dos monitores (geralmente, acadêmicos do curso de Música)na “equipe pedagógica coral” é muito positiva nos ensaios presenciais. Para autenticar essa nossa argumentação, apresentaremos a experiência de uma das monitoras do projeto, que foi registrada em forma de depoimento, aqui transcrita e adaptada.

Evelyn concluiu a licenciatura em Música na UFMSfoi aprovada em um concurso para a Rede Municipal de Ensino;foi então que decidiu entrar em contato com a regente para integrar a equipe do PCIU!.Como monitora, Evelyn acolhia as crianças no momento de chegada, ajudava na organização das salas, materiais, listas de presença, monitoramento das saídas para ir ao banheiro e para beber água (por se tratar de crianças menores de idade e estarmos em um prédio público), ajuda no lanche e o acompanhamento dos ensaios em si. Após o término do ensaio, Evelyn participava da reunião da equipe pedagógica – na qual se realizavaa averiguação do que havia sido trabalhado, conforme o planejamento.

Durante todo o ano letivo, Evelyn acompanhou os ensaios e apresentações, podendo observar o“passo a passo” da construção técnico-vocal e musical, e perceber que as atividades lúdicas são pensadas para que se chegue a um fim específico. Todo esse conjunto de ações *“foram sem dúvida o abrir dos olhos”* para compreender o processo de aprendizagem musical no canto coral, nas palavras da monitora. Outro ponto que Evelyndestaca,em relação à condução da regente, é que *“sua técnica mantém os alunos sempre atentos e interessados, motivando-os a responder prontamente aos seus estímulos”*.

A metodologia desenvolvida pela regente no PCIU! foi, sem dúvida, algo que contribuiu para a formação e a atuação de Evelyn, proporcionando uma visão mais ampla do canto coral em termos práticos: *“a compreensão de que o canto coral é muito mais do que um aquecimento e ensaio de repertório foi fundamental para a minha prática em sala de*

aula”, declara Evelyn.

### 3. Instrumentista

Ao destacarmos os instrumentistas (co-repetidores) na “equipe pedagógica coral”, consideramos a possibilidade de utilização do piano/teclado ou do violão, isto é, um instrumento harmônico que estabeleça as bases tonais e rítmicas para as melodias a serem cantadas. Contudo, discutiremos aqui a função do pianista, que tem sido mais investigada na literatura coral e que acompanha o trabalho realizado no PCIU!. Venâncio, em sua pesquisa sobre a rotina do regente coral em uma escola de educação básica, declara: “às vezes sinto falta de reger as crianças durante o ensaio (...). Essa impossibilidade ocorre porque não há um pianista para acompanhar os ensaios, o que é a realidade de quase todos os coros escolares brasileiros” (2017, p.34-35). Aqui, a pesquisadora destaca a importância do pianista acompanhador, mas ao mesmo tempo descreve a realidade que a maioria dos coros infantojuvenis brasileiros enfrenta: a ausência desse profissional.

Leal, em sua pesquisa de mestrado, descreve o trabalho do pianista acompanhador no coro infantojuvenil e destaca que esse pianista precisa estar disposto a realizar um trabalho de equipe, estando em sintonia com o coro:

a arte de acompanhar deve ser uma troca contínua entre o pianista e o grupo, de maneira de expressar uma mesma linguagem musical. O pianista acompanhador deve procurar um entrosamento com o regente, estar informado do projeto musical e em separado combinar todos os detalhes musicais, de maneira que os coristas não recebam informações diferentes sobre o mesmo assunto. (LEAL, 2005, p.37)

No PCIU!, os pianistas acompanham todos os ensaios presenciais, colaborando em diversos momentos: na realização de jogos rítmicos, no solfejo, na preparação vocal e na execução do repertório – onde sua participação é mais destacada. Infelizmente, nos ensaios virtuais, não tem sido possível a participação de um pianista, porque a latência ou *delay* existente no ambiente de videoconferência não permite uma resposta imediata à regência, e o fato de estarmos fisicamente em lugares diferentes – regente, pianista, coralistas – não permite a construção de uma totalidade musical síncrona, isto é, de uma interpretação integrada das partes com precisão rítmica. Além disso, é importante que as crianças tenham

foco em uma única direção na tela de videoconferência; as distintas “janelas” da reunião virtual, em lapsos de tempo distintos, poderiam confundi-las na execução vocal. Assim, a própria regente tem atuado como pianista, o que interfere bastante na comunicação visual com os coralistas e atrapalha na manipulação do computador que transmite o ensaio, mas pelo menos permite que o som de sua voz, ensinando uma canção, chegue aos coralistas simultaneamente ao som do piano/teclado.

Passamos a relatar a experiência de uma pianista voluntária do projeto, realizada no período pré-pandemia, em ensaios presenciais. Essa experiência também foi registrada em forma de depoimento, aqui transcrito e adaptado: Helena é graduada em Piano e desde o início de sua formação, teve orientadores que valorizavam a leitura rápida e dinâmica das partituras, por meio de diferentes livros e músicas e também por meio do solfejo (cantado), dentro da formação clássica ou “tradicional”. Já na faculdade, procurou sempre acompanhar grupos e solistas em eventos. A experiência com a música popular se iniciou mais tarde, com a necessidade de atender alunos que procuravam por esse tipo de repertório.

Nos exercícios de preparação vocal, a pianista criava um acompanhamento para os vocalises cantados pelas crianças (transpondo cada vocalise por semitons, ascendentes e descendentes). Isso contribuía para o senso rítmico do coro, para a fluência na entonação dos vocalises e para aprimorar a afinação melódica. Com isso, a regente se concentrava em reger o grupo, indicando respirações, apoios, movimentos melódicos, ou mesmo incentivando os coralistas a criarem movimentos corporais que eram incorporados à interpretação da obra.

Helena observou quão importantes são o ato da leitura à primeira vista das partituras, a compreensão da harmonia e as possibilidades de transposição, prática do improviso, a sensibilidade às mudanças de dinâmica e agógica, a adaptação aos mais variados ritmos e estilos, no acompanhamento ao piano. Ressaltamos que essas habilidades precisam estar já desenvolvidas no pianista, para que, ao acompanhar, ele possa estar em constante integração com os “olhos no regente” e com os “ouvidos nos coralistas”.

Helena ainda destaca que o pianista precisa ter muita segurança para acompanhar o coro nas apresentações, onde é grande a responsabilidade do instrumentista. E é interessante a observação da pianista, nesse sentido: *“a proposta de uma apresentação*

*pública sempre deixa as crianças motivadas, falantes e ansiosas. Elas se esforçam para “dar o seu melhor” nas performances, que às vezes precisam ser exaustivamente ensaiadas”. Em eventos importantes, como os que foram vivenciados no ano de 2019, Helena percebeu que o nervosismo das crianças era maior; “mas a vontade de cantar e fazer bonito superou tudo. Sempre o brilhantismo das crianças fazia com que nós todos da equipe, e principalmente os pais, ficássemos orgulhosos e motivados também”, declara Helena.*

#### **4. Regente assistente**

Pouco se pesquisou ou se escreveu sobre a importância de um **regente assistente**, na literatura coral brasileira. Observamos que essa função é pouco reconhecida, sendo mais ocorrente em coros adultos – sobretudo os profissionais. Podemos definir, de forma sucinta, que o regente assistente é aquele que compartilha a função de dirigir o grupo, sendo subordinado às decisões do regente principal. No que diz respeito à sua formação, Ramos ressalta que “no processo de estudo da regência coral é importante aprender a **preparar o coro para a regência de outro** e atuar como assistente, pois estas duas atividades fazem parte da vida profissional” (2003, p.29 – grifo do autor).

Estando presente em todos os ensaios e conhecendo profundamente o trabalho do grupo, o regente assistente pode substituir o regente titular em sua ausência; pode assumir a regência de algumas peças, dividindo um programa de apresentação com o regente (considerando que mudanças são bem-vindas em um processo longo, para que ele não se torne demasiadamente cansativo). Além de vivenciar a rotina de um coro de forma mais intensiva, o regente assistente pode desempenhar outras funções no ensaio presencial, como: observar o desenvolvimento musical e vocal do grupo (como um todo, e a cada coralista, individualmente) em outra perspectiva, complementando a percepção do regente principal; dar apoio às apresentações públicas (por exemplo: reconhecer o espaço da apresentação, cuidar do agendamento, manter contato com os organizadores do evento, ajudar os coralistas com a localização do espaço e recebê-los, cuidar dos registros em foto e vídeo); divulgar os diversos eventos e atividades realizados pelo coro (antes e depois de sua realização); contribuir com a pesquisa de repertório e sugeriratividades para os ensaios, além de, é claro, participar de todo o processo de planejamento, execução e avaliação do

trabalho.

No PCIU!, convidamos os alunos do curso de Licenciatura a atuarem como monitores, e quando há interesse e disposição, a regente lhes propõe que atuem como regentes assistentes. Ocorre, também, de recebermos egressos do curso de Licenciatura, que procuram aperfeiçoar-se como regentes corais infantojuvenis - sendo que quando eram acadêmicos, o PCIU! ainda não existia. Tivemos experiências muito bem-sucedidas, tanto com acadêmicos, quanto com egressos: enquanto atuaram como regente assistentes, estiveram se relacionando diretamente com o público infantojuvenil, podendo exercer sua liderança. Dessa forma, conheceram melhor suas dificuldades e limitações no campo da Regência e buscaram aperfeiçoamento com a orientação da regente principal (que é, também, professora de Regência na instituição). O acadêmico Everton Gentil (carinhosamente chamado pelas crianças de “Tio Gentil”), hoje já graduado, descreve sua experiência:

*ser regente assistente contribuiu muito na minha formação acadêmica e nos trabalhos que apareceram depois de formado. Sempre tive facilidade nas matérias que tinham como base a regência, mas vivenciar o PCIU! abriu as portas para a real visão de como seria estar à frente de um coro. Graças à experiência que adquiri como bolsista do PCIU!, fui aprovado no processo seletivo de um projeto do governo para trabalhar em um colégio Estadual como regente coral. Usando como base metodologias e planos de aula que via no PCIU!, pude exercer o cargo muito mais confiante e seguro neste colégio - e assim será em outros que pretendo trabalhar.*

Uma das vantagens de atuar como regente assistente de um coro durante a graduação em Música, reside principalmente na experiência do aprendizado junto à regente principal, compartilhando as necessidades e também as conquistas do grupo; e ainda, no fato de não haver uma cobrança profissional de resultados – de modo que lhe é permitido tentar, experimentar, ousar e criar com maior liberdade.

### **Considerações Finais**

Buscamos, neste artigo, contextualizar a atual situação do canto coral que se estabeleceu abruptamente com a pandemia, levando-nos à realidade dos “ensaios virtuais”. Ao mesmo tempo, defendemos a importância de uma “equipe pedagógica coral” nos

ensaios presenciais – um assunto pouco abordado nas pesquisas sobre o coro infantojuvenil. Pelos argumentos e depoimentos aqui apresentados, podemos assegurar que essa equipe contribui significativamente para o processo de aprendizagem musical no canto coral e para o alcance efetivo de bons resultados artístico-musicais pelo grupo. No PCIU!, essa equipe é formada essencialmente pela regente, regente acompanhador, pianista e monitores. Mas também já pudemos contar com a participação esporádica de profissionais da Fonoaudiologia, da Psicologia e da Dança, contribuindo para um melhor desenvolvimento global dos coralistas. Contamos também com uma “comissão de pais” que se dispõe a colaborar em certas ocasiões, como organização de eventos, viagens e apresentações públicas do coro.

Os ensaios on-line têm convergido todas as ações pedagógico-musicais para o regente, pois os meios tecnológicos não favorecem a interação dos coralistas e da equipe no ambiente virtual. Assim, o regente tem acumulado uma série de funções para poder realizar seu ensaio virtual, além, é claro, de precisar conhecer uma gama de aplicativos, *softwares*, programas, *sites* e outros recursos tecnológicos (ou internéticos). Seria, então, um momento para que os regentes interrompessem suas atividades e aguardassem a volta dos ensaios presenciais? Certamente não, pois também é necessário manter os coros em funcionamento, estimular a convivência e a união entre os coralistas (mesmo que pelo celular ou *notebook*), incentivar a prática do canto (ainda que individual), sustentar a motivação ao aprendizado musical – e assim, manter viva a essência do trabalho em equipe que embasa a prática coral. Por isso, ressaltamos aqui a qualidade de resiliência do regente coral e seu compromisso com a educação musical, sobretudo junto ao público infantojuvenil.

Podemos concluir que na prática coral virtual, já não se pode esperar os mesmos resultados musicais alcançados no “mundo real”, e os objetivos artísticos do coro já não podem ser os mesmos, de forma que já não fazem sentido as mesmas metodologias e técnicas de um ensaio presencial. Diante desses fatos, não podemos esperar que uma nova forma de pensar o canto coral se estruture com a rapidez dos avanços tecnológicos. E não podemos nos esquecer que os objetivos de desenvolvimento humano – enquanto ser biológico, cultural e psicossocial - estão acima de tudo e continuam sendo o alvo da educação musical na prática coral.

## Referências

- CAVALCANTE, E Leandro de Carvalho Gomes. *Conspirando música: uma etnografia macrossociologicamente informada do conceito goffmaniano de equipe*. [152f.] Tese (Doutorado em Sociologia). Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.
- GABORIM-MOREIRA, Ana Lúcia Iara. *Regência coral infantojuvenil no contexto da extensão universitária: a experiência do PCIU*. [574f.] Tese (Doutorado em Artes). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.
- IRIBARRY, Isac Nikos. Aproximações sobre a transdisciplinaridade: algumas linhas históricas, fundamentos e princípios aplicados ao trabalho em equipe. Porto Alegre: *Revista Psicologia: Reflexão e Crítica*. 16(3), 2003. p.483-490.
- KÄHLER, Christian J.; RAIN, Rainer. *Cantar em coros e fazer música com instrumentos de sopro – isso é seguro durante a pandemia de SARS-CoV-2?* Trad. Regina M. Amaral. Texto original disponível em: [https://www.unibw.de/lrt7/musizieren\\_waehrend\\_der\\_pandemie.pdf](https://www.unibw.de/lrt7/musizieren_waehrend_der_pandemie.pdf) . Acesso em 18/10/2020.
- KERR, Samuel. Carta canto coral. In: *Ensaio*. Olhares sobre a música coral brasileira. Rio de Janeiro: Oficina Coral, 2006.
- LAKSCHEVITZ, Eduardo. *E agora, coral?* Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: [www.organizandoacantoria.com](http://www.organizandoacantoria.com) . Acesso em 31/08/2020.
- LEAL, Ester R. Fernandes. *O acompanhamento ao piano para coro infantil*. [99f.] Dissertação (Mestrado). Campinas: Instituto de Artes da UNICAMP, 2005.
- OLIVEIRA, Cleodiceles B. Nogueira. *A prática do canto coral infantil como processo de musicalização*. [89 f.] Dissertação (Mestrado). Instituto de Artes da Unicamp, Campinas, 2012.
- PIANCASTELLI, C.H.; FARIA, H.P.; SILVEIRA, M.R. O trabalho em equipe. In: SANTANA, J.P. (org.) *Organização do cuidado a partir de problemas: uma alternativa metodológica para a atuação da equipe de saúde da família*. Brasília: OPAS/Representação do Brasil; 2000. p 45-50.
- PRICE, Harry E.; BYO, James L. Rehearsing and Conducting. In: PARNCUTT, Richard; McPHERSON, Gary. *The science and psychology of music performance: creative strategies for teaching and learning*. Oxford: University Press, 2002.
- RAMOS, Marco Antonio S. *O Ensino da Regência Coral*. [107f.] Tese (Livredocência). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2003.

VENÂNCIO, Jaqueline Domingos. *50 minutos, e agora?* Discutindo os desafios na elaboração de planejamentos para coros no âmbito escolar. [109f.]. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – Licenciatura em Música). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

WOLF, Notker; ROSSANA, Enrica. *A arte de liderar pessoas*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2012.